



GÊNEROS

E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

Marcelo Chaves Soares
Edmar Reis Thiengo
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2022



GÊNEROS E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

Marcelo Chaves Soares
Edmar Reis Thiengo
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2022



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria



Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Edevaldo de Castro Monteiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas



Gêneros e sexualidades em veredas dissidentes e resistentes

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Marcelo Chaves Soares
Edmar Reis Thiengo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G326 Gêneros e sexualidades em veredas dissidentes e resistentes / Organizadores Marcelo Chaves Soares, Edmar Reis Thiengo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0754-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.546220111>

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Soares, Marcelo Chaves (Organizador). II. Thiengo, Edmar Reis (Organizador). III. Título.

CDD 306.765

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



UMA BREVE APRESENTAÇÃO

Mais do que uma apresentação, este é um convite para juntos caminharmos pelas veredas que os gêneros e as sexualidades nos proporcionam. As veredas de dissidência e resistência são caminhos que querem desvelar desigualdades, transgredir a norma e subverter a cisheteronormatividade.

Este trabalho é um esforço coletivo de pesquisadoras e pesquisadores empenhadas em pensar, para além do senso comum, o sistema Sexo x Gênero x Sexualidade produtor de enquadramentos (BUTLER, 2019). Mais que pensar, os textos aqui dispostos atuam numa perspectiva contradisciplinar ou contrassexual (PRECIADO, 2014).

O trabalho se divide em três grandes veredas: a primeira vereda, “Sexualidade, Narrativas e Educação”, discute a sexualidade a partir de narrativas com foco na Educação Básica. Nesse sentido, os textos falam de percepções de estudantes acerca das questões que envolvem a sexualidade, do mesmo modo que denunciam a necessidade urgente de trazer ao espaço escolar o debate da sexualidade.

A segunda vereda, “Gênero, Corpo e Dissidências”, analisa as questões do corpo e do gênero em diferentes perspectivas sócio-filosóficas, mobilizando discussões que analisam as influências da tecnologia nos debates de gênero nos últimos anos, pensando o corpo a partir de narrativas insurgentes em diálogo com a Educação, mas, também com a arte e a filosofia.

A terceira e última vereda, “Sexualidades e outros contextos”, traz reflexões sobre sexo e sexualidade, de modo que busca romper silenciamentos e apagamentos de temáticas que outrora eram tratadas pela não discussão e um não debate. Temas como o abuso sexual se encontram nesta vereda, do mesmo modo que as formas de expressão da sexualidade por homens gays também integram o caminho.

A leitora e o leitor têm em mãos um livro potente, que dispensa maiores apresentações. Fica apenas o convite para se enveredar pelos caminhos da dissidência e da resistência.

Marcelo Chaves Soares

Edmar Reis Thiengo

Organizadores

SUMÁRIO

I VEREDA - SEXUALIDADE, NARRATIVAS E EDUCAÇÃO

CAPÍTULO 1..... 1

SEXUALIDADE ENGAVETADA NA ESCOLA: SOMOS SERES NÃO SEXUAIS?

Joel Almeida Neto
Lohan Galvão de Oliveira
Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 2..... 15

PERCEÇÕES DE ESTUDANTES SOBRE SEXUALIDADE E SUA DISCUSSÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Lohan Galvão de Oliveira
Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 3..... 33

SEXUALIDADES EXPRESSAS NOS ESPAÇOS ESCOLARES: UM DEBATE URGENTE

Jésus Gomes de Souza
Kátia Gonçalves Castor
Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 4..... 51

NARRATIVAS ADOLESCENTES: SEXUALIDADES NO AMBIENTE ESCOLAR

Thiago Fernandes Madeira

II VEREDA - GÊNERO, CORPO E DISSIDÊNCIAS

CAPÍTULO 5..... 61

CORPOS-TERRITÓRIOS-LGBT+ NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DA BAHIA: IMAGENS, NARRATIVAS E (RE)EXISTÊNCIAS

Janivaldo Pacheco Cordeiro
Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios

CAPÍTULO 6..... 73

AGONÍSTICA E GÊNERO NAS PLATAFORMAS DIGITAIS: DOS LIVROS ÀS REDES SOCIAIS

Pablo Ornelas Rosa
Aknaton Toczec Souza
Jésio Zamboni

CAPÍTULO 7..... 90

CORPOS QUE IMPORTAM: O PROCESSO DE REDESIGNAÇÃO SEXUAL NA VIDA DE UMA MULHER *TRANS*

Marcelo Chaves Soares
Bianca Santos da Silva

Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 8..... 100

QUANDO A ARTE TRANSGRIDE: SUBVERSÃO *QUEER*-CONTRASSEXUAL NA OBRA DE CARLOS MOTTA

Marcelo Chaves Soares

III VEREDA - SEXUALIDADES E OUTROS CONTEXTOS

CAPÍTULO 9..... 110

DO PASSIVO AO ATIVO: PARA REPENSAR AS ESTRUTURAS DISCURSIVAS DO SEXO

Marcelo Chaves Soares

CAPÍTULO 10..... 118

INDÍCIOS DE ABUSO SEXUAL EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: REFLEXÕES A PARTIR DE DIÁLOGOS COM EDUCADORES

Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 11 131

CRIANÇA, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: UMA REVISÃO SOBRE O ABUSO SEXUAL INFANTIL

Edmar Reis Thiengo

Paulo Roberto Pereira Junior

SOBRE OS ORGANIZADORES 141

SOBRE OS AUTORES 142

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES SOBRE SEXUALIDADE E SUA DISCUSSÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Data de aceite: 20/09/2022

Lohan Galvão de Oliveira

Professor de Inglês no Centro Acadêmico Primeiro Mundo - Vila Velha. Mestre em Educação em Ciências e Matemática pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, campus Vitória. Graduação em Química pela Ohio University e pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. Graduação em Letras Inglês em andamento pela Faculdade Estácio. É membro do Grupo de Pesquisa Educação, História e Diversidade – Ifes. E-mail: lohan.galvao@hotmail.com.

Edmar Reis Thiengo

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. Doutor e mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Licenciado em Ciências e Matemática. É líder do Grupo de Pesquisa em Educação Matemática Inclusiva – Ifes e do Grupo de Pesquisa Educação, História e Diversidades – Ifes. E-mail: thiengo@ifes.com.

RESUMO: Por meio de um questionário aplicado às turmas de segundo e terceiro ano do ensino médio de uma escola do município de Linhares no Espírito Santo, este trabalho buscou compreender as maneiras que os discentes destas turmas entendem a sexualidade e percebem as discussões sobre ela no ambiente escolar. Devido a pandemia de Covid-19 não foi possível que o pesquisador aplicasse o questionário e por isso, sua aplicação foi feita pela professora de

química das turmas. Ao analisar as respostas dos discentes interpolando-as com as ideias de Foucault, Louro e Butler os alunos demonstraram não compreender de maneira geral o que é sexualidade, e que confundem identidade sexual com identidade de gênero. Por fim, apesar de perceberem a expressão da sexualidade no ambiente escolar, os alunos mostraram possuir discursos que acabam reforçando e garantindo a perpetuação da heteronormatividade na escola e na sociedade. Demonstrando assim, que os discursos sobre o sexo difundidos nessa escola sofrem influência direta das normativas sociais impostas ao sexo.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Escola. Gênero. Heteronormatividade.

1 | INTRODUÇÃO

Atualmente a política brasileira vive uma onda crescente de influências provindas de um conservadorismo cristão moralista, que, por sua vez, segundo Almeida (2019) não somente auxiliou na eleição do presidente Bolsonaro, mas também reagiu e reage às pautas progressistas como a de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais (LGBT), que confrontam às ideias de família e moral pregadas pelas religiões apoiadoras deste movimento conservador e governo. Além disso, para Almeida (2019), após ter ganhado espaço nos últimos 30 anos, o movimento LGBT sofre retaliação e confrontamento dos movimentos religiosos infiltrados na política brasileira,

incentivando assim, a disseminação da LGBTfobia na sociedade.

A este modo, a sociedade brasileira demonstra, segundo Mott et all., (2018), um número crescente de casos de LGBTfobia, que em 2017 atingiu o maior índice já registrado. Foram 445 pessoas LGBTs mortas em 2017 por conta desse preconceito. Além disso, estima-se que no Brasil um LGBT é morto brutalmente ou se suicida por conta da LGBTfobia a cada 19 horas.

Desa maneira, segundo Prado et all., (2013) as relações estabelecidas nas instituições religiosas, políticas e sociais brasileiras, demonstram estar embebidas de uma moralidade heteronormativa que está à serviço do poder, sendo que este, por sua vez, segundo Foucault (1999), utiliza a sexualidade e as próprias instituições para tentar regular os indivíduos de acordo com um padrão heterossexual pré estabelecido como norma. Sendo assim, por ser uma instituição e fazer parte da formação dos indivíduos na nossa sociedade, a escola também se coloca a serviço do poder e por isso é necessário compreender como os discentes presentes neste local compreendem questões ligadas à sexualidade.

Por conseguinte, o presente trabalho teve como objetivo **compreender as maneiras que os discentes do segundo e terceiro ano do ensino médio de uma escola particular do município de Linhares entendem a sexualidade e percebem as discussões sobre ela no ambiente escolar.** Para tanto, utilizou-se como apoio teórico Foucault que diz que historicamente o gênero e a sexualidade passaram por uma explosão discursiva na sociedade e também na escola, na tentativa de regulá-los de acordo com um padrão heteronormativo; e Louro que ressalta a importância de questionar na escola e na sociedade as intolerâncias para construir uma prática desnaturalizada e plural.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

Historicamente a sexualidade passa por um processo de explosão discursiva. Segundo Foucault (1999), os discursos estabelecidos sobre uma pseudo moralidade agem em função do poder para controlar a sexualidade a partir de um padrão heteronormativo pré-estabelecido. Para a igreja tornou-se pecado e regulamentável, por isso passível de punição quando fugisse a normativa estabelecida. Para as instituições embebidas de poder tornou-se meio de controle de massas, não podendo assim ser mencionada, mas a todo instante utilizada para controlar os modos de vestir, agir, falar e expressar dos indivíduos.

A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se;

o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos (FOUCAULT, 1999, p. 9-10).

Dessa maneira, as sexualidades não normativas passaram a ser consideradas vexaminosas, impuseram-nas caráter pecaminoso e transgressor na sociedade e nas instituições, inclusive na escola. Para Louro (2003), a sexualidade passa a ser utilizada como meio de regulamentação nas instituições escolares, selecionando os padrões a serem seguidos e ensinados, negligenciando assim, as sexualidades diferentes da norma. Dessa maneira os discursos estabelecidos nestes ambientes são produzidos a partir de um padrão heterossexual que regulamento os corpos e que tenta silenciar os discursos, a cultura e a existência dos sujeitos desviantes deste padrão para garantir que a heteronormatividade seja garantida e estabelecida com sucesso.

[...] tão ou mais importante do que *escutar* o que é *dito* sobre os sujeitos, parece ser perceber o *não-dito*, aquilo que é silenciado — os sujeitos que *não são*, seja porque não podem ser associados aos atributos desejados, seja porque não podem existir por não poderem ser nomeados. Provavelmente nada é mais exemplar disso do que o ocultamento ou a negação dos/as homossexuais — e da homossexualidade — pela escola. Ao não se falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda “eliminá-los/as”, ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas “normais” os/as conheçam e possam desejá-los/as. Aqui o silenciamento — a ausência da fala — aparece como uma espécie de garantia da “norma” (LOURO, 2003, p. 67-68, grifos do autor).

A este modo, garante-se, na escola, que a heterossexualidade será mantida como padrão de sexualidade a ser seguido, estabelecendo assim, por meio deste, as formas de vestuário, comunicação, interação e comportamento que devem ser seguidos na escola e na própria sociedade. Segundo Louro (2000), ao fazer distinções entre os sujeitos, a sociedade segrega-os de maneira violenta e discriminatória. Sendo assim, “ao classificar os sujeitos, toda sociedade estabelece divisões e atribui rótulos que pretendem fixar as identidades. Ela define, separa e, de formas violentas, também distingue e discrimina” (LOURO, 2000, p. 9).

Dessa maneira, para Foucault (1999), ao manter uma normativa heterossexual, a instituição pedagógica produziu e produz discursos que utilizam o sexo como meio de segregação e para selecionar sujeitos, discursos e conteúdos que podem compor o ambiente escolar. Sendo assim, para Louro (2003) ao imporem um padrão de sexualidade, segregam todo o resto das identidades sexuais não normativas, fazendo assim da escola, um local de perpetuação de preconceitos.

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu

também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos e protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas (LOURO, 2003, p. 57).

Portanto, a escola tornou-se lugar de produção e reprodução de desigualdades, segregando sujeitos por classe social, cor, gênero e sexualidade. Além disso, por meio de múltiplos mecanismos, ela hierarquiza e classifica os sujeitos, os conteúdos e as relações sociais estabelecidas no ambiente escolar.

Para Louro (2003), precisamos ter os sentidos apurados, perceber que o espaço escolar não é utilizado da mesma maneira por pessoas de sexualidades e gêneros diferentes, para assim questionar as imposições do poder, desconfiarmos do que é tomado como natural e ter como alvo destes questionamentos às práticas rotineiras e as palavras banalizadas.

Segundo Butler (2018), as percepções de um gênero e uma sexualidade natural e por vezes, determinadas vertentes que os compreendem como construídos, pressupõem que as identidades sexuais e de gênero sejam fixas, imutáveis e invariáveis, o que, por sua vez, leva a processos de desigualdades nas relações estabelecidas em sociedade.

Por conta disso, Butler (2018), aponta que é necessário considerar que tanto o gênero quanto a sexualidade são construções sociais que variam de acordo com os movimentos culturais, temporais, históricos de uma sociedade, e que para subverter os processos de desigualdades e de fixação do gênero e da sexualidade é necessário considerar estas interações culturais, sociais e históricas no processo de construção destas identidades. Dessa maneira, “O corpo culturalmente construído será então libertado, não para o seu passado “natural”, nem para seus prazeres originais, mas para um futuro aberto de possibilidades culturais” (BUTLER, 2018, p. 164).

Neste sentido, é extremamente importante que o professor esteja atento não somente às maneiras pelas quais a sexualidade está sendo tratado no ambiente escolar, mas também que trabalhe em função de tentar garantir que estas identidades possam ser experienciadas na escola a partir de uma cultura e de experiências que possibilitem aos discentes vivências múltiplas acerca do gênero e da sexualidade.

3 | METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da pesquisa escolheu-se uma escola particular de Ensino Médio do município de Linhares no Espírito Santo. Os alunos que participaram deste trabalho, eram discentes das turmas de segundo e terceiro ano da escola em questão. Além disso, estas turmas foram escolhidas com o intuito de compreender como estes alunos que

estão nos últimos anos de sua formação básica compreendem questões relacionadas à sexualidade.

Para tanto, foi utilizada uma hora de aula para que estes discentes pudessem responder um questionário com questões relacionadas à sexualidade. As perguntas apresentadas foram as seguintes:

- O que você entende por sexualidade?
- Na sua opinião, existe sexualidade certa e sexualidade errada? Porquê?
- A sexualidade, na sua opinião, está expressa na escola? Porquê?
- Na sua opinião a sexualidade é um tema que deve ser discutido na escola? Porquê?
- Se deve ser discutida, como você acredita que essa discussão deve ocorrer?

Com o intuito de proteger a privacidade e integridade dos participantes da pesquisa, os alunos foram informados, ao receberem o questionário, de que respondê-lo não era obrigatório e que os discentes não precisavam se identificar. Além disso, quando as respostas dos estudantes forem citadas, utilizar-se-ão pseudônimos para identificar a qual aluno a resposta pertence.

A turma de Segundo ano participante conta com 31 discentes e a de Terceiro ano conta com 21 alunos, estabelecendo um total de 52 estudantes participantes da pesquisa. Antes da aplicação do questionário foi avisado aos discentes que o mesmo não era obrigatório, que eles não precisariam se identificar e que poderiam parar de respondê-lo a qualquer momento se não se sentissem mais aptos.

Para mais, os dados coletados foram analisados a partir do entrelaçamento destes com o referencial teórico da pesquisa. Vale ressaltar que devido a pandemia de Covid-19, o pesquisador não pode participar presencialmente da aplicação do questionário, sendo que este foi aplicado pela professora de química das turmas. Dessa maneira, as percepções do pesquisador sobre a turma ficam restritas somente às respostas dos discentes e ao que foi expresso pela professora que aplicou o questionário.

4 | ALGUMAS DISCUSSÕES

Dessa maneira, dos 52 estudantes presentes, somente 14 responderam as perguntas, sendo que 10 alunos eram do segundo ano do Ensino Médio e 4 discentes eram no Terceiro ano do Ensino Médio. Destes, 2 disseram ter 16 anos, 7 disseram ter 17 anos, 4 falaram que tinham 18 anos e 1 respondeu com seu nome onde perguntava-se sobre a idade. Além disso, parte dos 38 não respondentes expressaram verbalmente não se sentirem confortáveis em falar sobre ou responder questões que envolvam sexualidade.

Segundo Foucault (1999), os discursos sobre o sexo foram moldados a partir de uma

normativa heterossexual. Tudo aquilo que era dito ou expresso em torno do sexo deveria seguir um padrão heteronormativo estabelecido na sociedade. A este modo, normas foram impostas a fim de moldar os sujeitos, os corpos, os modos, as vestimentas e o que poderia ou não ser falado sobre o sexo para atender ao padrão considerado adequado. Dessa maneira, apesar do discurso ser de restrição e de silenciamento às expressões livres do sexo, houve uma explosão discursivas em torno dele e sobre ele, para que pudessem tentar controlá-lo.

[...] em torno e a propósito do sexo há uma verdadeira explosão discursiva. É preciso ficar claro. Talvez tenha havido uma depuração - e bastante rigorosa - do vocabulário autorizado. Pode ser que se tenha codificado toda uma retórica da alusão e da metáfora. Novas regras de decência, sem dúvida alguma, filtraram as palavras: polícia dos enunciados. Controle também das enunciações: definiu-se de maneira muito mais estrita onde e quando não era possível falar dele; em que situações, entre quais locutores, e em que relações sociais; estabeleceram-se, assim, regiões, senão de silêncio absoluto, pelo menos de tato e discrição: entre pais e filhos, por exemplo, os educadores e alunos, padrões serviçais. É quase certo ter havido aí toda uma economia restritiva. Ela se integra nessa política da língua e da palavra - espontânea por um lado e deliberada por outro - que acompanhou as redistribuições sociais da época clássica. Em compensação no nível dos discursos e de seus domínios, o fenômeno é quase inverso. Sobre o sexo, os discursos - discursos específicos, diferentes tanto pela forma como pelo objeto - não cessaram de proliferar: uma fermentação discursiva que se acelerou a partir do século XVIII (FOUCAULT, 1999, p. 20-21).

É possível, então, que o alto índice de alunos não respondentes mesmo que presentes em sala de aula e as expressões verbais de desconforto em responder sobre a temática de sexualidade sejam por conta das regulamentações dos discursos e das normas sobre o sexo que já constituem a sociedade e que de certa maneira influenciam os discentes naquilo que eles acreditam que podem ou não expressar sobre o sexo.

Entretanto, para aqueles que se propuseram a responder o questionário, a primeira pergunta visou compreender de maneira geral o que os estudantes entendem por sexualidade. Vale ressaltar que as respostas dos discentes estão dispostas fora dos padrões da norma culta para indicar e destacar com veemência as opiniões dos sujeitos da pesquisa. A este modo, a maior parte das respostas relacionavam sexualidade com o desejo sexual, atração, como pode ser visto a seguir:

Conjunto de comportamentos que causam satisfação da necessidade e desejo sexual.

André

É um conjunto de coisas que envolvem nosso corpo, sentimentos, atrações e etc...

Tereza

É uma forma que as pessoas expressam seu amor, seja pelo mesmo sexo ou não

João

Além disso, alguns discentes tentaram relacionar sexualidade com gênero, ou até mesmo dizer que os dois são a mesma coisa. Enquanto as respostas de outros ou tentavam naturalizar a sexualidade, ou não condiziam com a pergunta que lhes foi feita:

Sua opção sexual, gostar de homem ou mulher, se sentir melhor vestida como homem ou mulher independente do seu sexo.

Thiago

Opção do sexo da pessoa

Guilherme

Gêneros.

Fernanda

Que é a maneira que nos lidamos com os nosso instintos no dia a dia

Rafael

Algo característico de alguém, no qual você nasce gostando de algo.

Julia

Segundo Louro (2003), a identidade sexual se constitui a partir das maneiras que os sujeitos vivem a sua sexualidade, da forma como se relacionam entre si e dos significados que atribuem a ela neste processo. Além disso, a identidade sexual e de gênero, apesar de estarem interligadas, não são a mesma coisa, então, não devem ser confundidas. É importante ressaltar também, que tanto a sexualidade quanto os gêneros são construídos a partir das formas como interagimos uns com os outros, com o ambiente e com a sociedade, por exemplo. Por conta disso, não se deve atribuir um momento da vida dos sujeitos ao qual a sexualidade tenha sido lhe dada, ou que tenham optado por ela.

Suas identidades sexuais se constituíram, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero. Ora, é evidente que essas identidades (sexuais e de gênero) estão profundamente inter-relacionadas; nossa linguagem e nossas práticas muito frequentemente as confundem, tornando difícil pensá-las distintivamente. No entanto, elas não são a mesma coisa. Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais,

bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc). O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento — seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade — que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação (LOURO, 2003, p. 26-27).

A este modo, as respostas fornecidas, demonstram de maneira geral que os discentes não compreendem o processo de construção das sexualidades nem do gênero apontados por Louro. Dessa maneira, os alunos confundem-se entre os significados de gênero e sexualidade já que, segundo Louro (2003), apesar de interligados os sujeitos podem ser masculinos, femininos e ao mesmo tempo homossexuais, bissexuais, heterossexuais, por exemplo.

Além disso, alguns dos discentes tentam naturalizar a sexualidade ao dizerem que ela é inerente ao nascimento ou a instintos biológicos inconscientes. Entretanto, para Foucault (1999), já que a sexualidade é produzida a partir do discurso, a tentativa de naturalizá-la funciona como um mecanismo do poder num processo de tentativa de padronização dos corpos, das identidades, dos modos dos sujeitos a partir da heteronormatividade. Dessa maneira, ao tentarem naturalizar a sexualidade, os discentes estão contribuindo, mesmo que inconscientemente, com a perpetuação da norma heterossexual estabelecida na sociedade.

Em sequência, perguntou-se aos estudantes se na opinião deles existe sexualidade certa ou errada e porquê. Treze dos 14 alunos responderam que não existe sexualidade certa ou errada e um se absteve de responder. É possível ver algumas das respostas abaixo:

Não, qualquer um pode gostar do que quiser, pode ser livre para qualquer decisão.

André

Na minha opinião não existe, na opinião dos outro pode até existir, mas na verdade verdadeira, na realidade do mundo, NÃO EXISTE! Não existe pelo simples fato que isso não cabe a ninguém, além do próprio indivíduo para decidir sua sexualidade. É como falar que minha preferência a açaí do que à sorvete está errado, entende? Não tem lógica, nem cabimento alguém falar que a sexualidade de um está certo e a de outro está errada. E nem vou falar sobre questão religiosa, porque meu tempo é precioso.

Beatriz

Não, cada um deve ser livre pra escolher o que quiser independente do que seja.

Rafael

Não, pois cada um deve ter o direito de escolher o que quiser

Pedro

Em sua maioria os discentes defendem que a sexualidade é inerente ao sujeito e somente a ele. Sendo assim, para os alunos, não cabe a outros julgá-la independente de qual identidade ela assuma. Entretanto, os estudantes entram em contradição e reforçam a norma ao reafirmarem majoritariamente que a sexualidade é uma escolha, já que isto pressupõe que os sujeitos têm possibilidades de escolher dentre diferentes “tipos” de sexualidade; e já que segundo Louro (2003), as identidades sexuais são construídas ao longo da vida e não optadas.

Além disso, segundo Louro (2000), a norma estabelecida em nossa sociedade para a sexualidade, é a heteronormatividade. Por conta disso, os sujeitos que serão marcados como desviantes e que passarão por um processo violento de segregação e normatização, são aqueles que não assumem este padrão.

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os “outros” sujeitos sociais que se tornarão “marcados”, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é representada como “o segundo sexo” e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual (LOURO, 2000 p. 9).

A este modo, segundo Louro (2000), quem sofre os processos violentos de demarcação desta norma, são os sujeitos desviantes da mesma. Sendo assim, buscou-se compreender se os estudantes percebem estas relações envolvendo a sexualidade dentro da escola. A este modo, eles foram questionados se e por que na opinião deles a sexualidade está expressa na escola.

Nove dos 14 discentes responderam que a sexualidade está expressa na escola, enquanto o restante dos alunos acreditam que a sexualidade não compõe e nem deveria compor o ambiente escolar. Abaixo é possível ver exemplos de respostas de alunos que acreditam que a sexualidade compõe os sujeitos nestes ambientes:

Sim, faz parte do cotidiano do adolescente, é evidenciado nas conversas entre alunos e alunas.

André

Sexualidade está em todo lugar, não? Porque se tem um segredo de deixar em casa antes de sair por favor me avise kkkk brincadeira (que tem verdades). Mas é sério, aonde tem pessoas, há sexualidade, e não enxergo outra explicação, as pessoas sempre iriam se sentir atraídas por outras, aí entra o que elas fazem a respeito disso né.

Beatriz

Não só na escola, mas em qualquer outro ambiente de vivência, visto que pessoas pode possuir gostos diferentes.

Rafael

Sim, pois existem pessoas diferentes em todos os lugares

Julia

Sim, pois tem pessoas.

Guilherme

Neste momento é interessante estabelecer uma comparação entre as respostas fornecidas para as perguntas anteriores com as respostas da pergunta atual. As respostas utilizadas como exemplo para a comparação serão as de Guilherme e Julia para a primeira pergunta, as de André, Beatriz e Rafael para a segunda pergunta com as falas destes mesmos discentes na terceira pergunta.

Nos dois primeiros questionamentos os discentes tinham demonstrado, de maneira geral, discursos sobre sexualidade que reforçavam a norma e que apontavam a sexualidade como algo que pudesse ser escolhido ou que fosse inerente ao nascimento/biologia. No entanto, na terceira pergunta, sobre a expressão da sexualidade na escola, os alunos, de modo geral, entram em contradição. Isto se dá porque os discentes que anteriormente apontavam a sexualidade como escolha ou intrinsecamente ligada a biologia, expressam neste momento, que a sexualidade é inerente ao sujeito e que sua expressão está diretamente relacionada com as vivências do mesmo.

Segundo Louro (2000), as identidades sexuais, inclusive as normativas, não são fixas, mas estão em constante transformação e são construídas a partir de como vivenciamos a sexualidade e enquanto estabelecemos relações em sociedade e no ambiente ao qual estamos inseridos. Além disso, para Foucault (1999), a sexualidade também é moldada a partir dos discursos sobre o sexo estabelecidos na sociedade que, por sua vez, utilizam a norma heterossexual neste processo de padronização dos sujeitos.

A este modo, a construção da sexualidade destes discentes se dá a partir da forma como eles experienciam sua sexualidade mesmo que os discursos expressos inicialmente por eles reforcem a norma, já que estes alunos podem estar vivenciando uma sexualidade

normativa. Sendo assim, para aqueles sujeitos que experienciam uma sexualidade normativa e que constroem identidades sexuais normativas, o discurso heteronormativo padrão biologizante contempla suas sexualidades porque elas se enquadram na norma, o que, por sua vez, pode explicar a contradição nas falas dos sujeitos.

Neste sentido, as vivências destes sujeitos estão de certa forma submetidas ao discurso normativo. Sendo assim, enquanto a sexualidade passa por um processo de construção a partir das vivências e experiências destes alunos, o discurso é regulatório para que esta construção seja feita aos moldes do padrão heterossexual.

Entretanto, para os sujeitos que subvertem a norma e que experienciam uma sexualidade diferente da normativa, o discurso, segundo Louro (2000), é de regulação fazendo com que os sujeitos e as vivências que não se enquadram nestes padrões sofram um processo violento de segregação e de normatização. Dessa maneira, segundo Foucault (1999), a sexualidade, ao longo dos séculos, é obrigada a viver uma existência discursiva que tenta a todo custo submetê-la ao exercício do poder e torná-la meio de exercício do poder.

Desde o século XVIII o sexo não cessou de provocar uma espécie de erotismo discursivo generalizado. E tais discursos sobre o sexo não se multiplicaram fora do poder ou contra ele, porém lá onde ele se exercia e como meio para seu exercício; criaram-se em todo canto incitações a falar; em toda parte, dispositivos para ouvir e registrar, procedimentos para observar, interrogar e formular. Desenfurnam-no e obrigam-no a uma existência discursiva. Do singular imperativo, que impõe a cada um fazer de sua sexualidade um discurso permanente, aos múltiplos mecanismos que, na ordem da economia, da pedagogia, da medicina e da justiça incitam, extraem, organizam e institucionalizam o discurso do sexo, foi imensa a prolixidade que nossa civilização exigiu e organizou (FOUCAULT, 1999, p. 34).

A este modo, ao longo dos séculos, tanto na sociedade como na escola a sexualidade se torna meio de exercício desse poder. Os discursos ao funcionarem como mecanismos de poder, submetem-na a regulações e normas que padronizam-na a partir de um modelo heteronormativo considerado socialmente aceitável. Para mais, segundo Foucault (1999), os silêncios e as censuras que são impostos nestes ambientes também funcionam como mecanismos de poder para garantir a norma. A exemplo disso, pode-se observar as respostas dos discentes que não acreditam que a sexualidade está expressa no ambiente escolar.

Não, porque é bem difícil das escolas falarem sobre esse assunto e se falam os pais e até mesmo os alunos conservadores atacam essas escolas, infelizmente.

Thiago

Na maioria não, por que não falam muito sobre isso.

Ana

Não, escola é local de aprendizado.

Pedro

Na opinião destes discentes a sexualidade não está expressa na escola porque, para eles, não existem propostas de discussão deste tema no ambiente escolar ou porque estas instituições não são locais apropriados para trabalhar com a sexualidade. A partir destas respostas, pode-se fazer dois apontamentos.

Primeiramente que é necessário atentar-se aos silêncios que são impostos sobre a sexualidade nos ambientes escolares. Segundo Louro (2003), mais importante do que atentar-se ao que é dito sobre a sexualidade, é atentar-se ao que não é dito. O silêncio aparece nestes locais como meio de garantia da norma, para assim, talvez, assegurar, que as sexualidades e os sujeitos dissidentes do padrão sejam eliminados destes ambientes.

O segundo apontamento é que ao considerarem a escola imprópria para trabalhar este tema e por consequência censurarem a sexualidade, a instituição está se pondo a serviço do poder e reproduzindo padrões normativos que estão dispostos na sociedade. Dessa maneira, segundo Louro (2003) a escola, embora preocupada com a sexualidade, não aborda este tema de maneira aberta e, por conta disso, produz e reproduz desigualdades, preconceitos e estabelece a partir do padrão os sujeitos que são apropriados para comporem este ambiente. Portanto, ao tentarem censurar a sexualidade, a escola tem a falsa ideia de que problemas e questões relacionadas a esta temática estarão de fora deste ambiente.

É importante notar no entanto que, embora presente em todos os dispositivos de escolarização, a preocupação com a sexualidade geralmente não é apresentada de forma aberta. Indagados/as sobre essa questão, é possível que dirigentes ou professores/as façam afirmações do tipo: «em nossa escola nós não precisamos nos preocupar com isso, nós não temos nenhum problema nessa área», ou então, “nós acreditamos que cabe à família tratar desses assuntos”. De algum modo, parece que se deixarem de tratar desses “problemas” a sexualidade ficará fora da escola (LOURO, 2003, p. 80-81, grifos do autor).

Sabendo disso, perguntou-se aos discentes por que e se na opinião deles sexualidade deveria ser um tema discutido na escola. Somente dois alunos responderam que sexualidade não deveria ser um tema debatido na escola, suas respostas foram simples, sem explicação dos motivos pelos quais eles acreditam que não deve ser debatida. O estudante Átila disse não saber opinar. Os outros 11 alunos disseram que a sexualidade precisa ser trabalhada na escola por diferentes motivos como pode ser visto nos exemplos abaixo:

Claro que deveria. Muitos não sabem nem responder o que é sexualidade, e esse tema por mais natural que seja, ainda é polêmica, e tabu na sociedade. Há pessoas, muitas pessoas que sentem inibidas por gostar de gêneros que sabem que a sociedade vai reprimir. Então penso que se esse assunto vier para escola no intuito de informar os adolescentes e jovens que tudo bem não se sentir atraído sexualmente por nenhum gênero, ou pelo todos, ou por um, oposto ou não, e tudo bem, sem preconceito consigo mesmo, e além disso, estaria evitando a formação de pessoas preconceituosas quando o assunto for esse.

Beatriz

Sim, porque as pessoas têm que saber que não é errado amar uma pessoa do mesmo sexo, que não é errado amar mais de uma pessoa, que não é errado não querer ter relações sexuais a cada 2 horas. Eles também tem que conhecer a nossa história, o quanto lutamos para conseguir os direitos que temos hoje em dia.

Thiago

Sim, por ser algo que até hoje é visto com muita ignorância. Isso sendo discutido na escola pode aumentar a inclusão de pessoas que possuem uma orientação sexual diferente da determinada como "a correta e comum" pela sociedade.

Tereza

Sim, por ser uma forma de realizar o ato de forma segura, caso seja mais jovem, assim evitando a gravidez ou até doenças

Rafael

Sim; Porque muitas pessoas negligenciam este tema.

Guilherme

A partir das respostas é interessante ressaltar outros dois pontos. Primeiramente que alguns dos alunos, assim como o Rafael, defendem que a sexualidade na escola deva ser tratada a partir de uma premissa pedagógica/biológica/médica. No entanto, Foucault (1999) ressalta que ao longo dos séculos estas instituições da medicina e da pedagogia, por exemplo, trabalham em função do poder num processo de manutenção da heteronormatividade. Conselhos, livros, regras, currículos, por exemplo, são criados e levados pra escola na tentativa de regular a sexualidade nestes ambientes.

[...] o sexo do colegial passa a ser, no decorrer do século XVIII – e mais particularmente do que o dos adolescentes – um problema público. Os médicos se dirigem aos diretores dos estabelecimentos e aos professores, também dão conselhos às famílias; os pedagogos fazem projetos e os submetem às autoridades; os professores se voltam para os alunos, fazem-lhes recomendações e para eles redigem livros de exortação cheios de conselhos médicos e de exemplos edificantes. Toda uma literatura de preceitos, pareceres, observações, advertências médicas, casos clínicos, esquemas de reforma e planos de instituições ideais, prolifera em torno do colegial e de seu sexo [...] (FOUCAULT, 1999, p. 30).

Por conta disso, toda uma literatura passa a ser designada como regra na escola para controlar e falar sobre o sexo a partir da norma. Em sequência, é importante apontar que mesmo que os discentes ressaltem que é preciso debater sexualidade na escola, já que, segundo eles, as instituições escolares são compostas por diferentes sujeitos com diferentes sexualidades, seus discursos ainda são baseados na norma.

Dessa maneira, em suas respostas os estudantes apontam que é preciso normalizar e respeitar as sexualidades dissidentes. Entretanto, segundo Louro (2000) a ideia de respeito, por exemplo, já subentende que existe desigualdade e superioridade de uma identidade, a norma heterossexual, para com as outras. Por conta disso, segundo Louro (2003), é preciso ficar atento às nuances das ações dos mecanismos de poder no ambiente escolar, já que existe toda uma organização na escola para que o padrão heterossexual seja garantido e perpetuado.

Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, loci das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe — são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores. Todas essas dimensões precisam, pois, ser colocadas em questão (LOURO, 2003, p. 64, grifos do autor).

Por existir, então, toda uma organização estruturada para perpetuar a norma na escola, segundo Louro (2003), é preciso colocar em questão todas as dimensões que compõem o ambiente escolar. Para tanto, é preciso questionar essas estruturas e falar sobre sexualidade nestes ambientes. Sendo assim, perguntou-se aos discentes de que maneiras, na opinião deles, estas discussões devem ocorrer.

Dois dos alunos se abstiveram de responder, enquanto um disse que deveria ser a partir de uma perspectiva médica/biológica/natural e outro defende que seja um assunto abordado somente pela família. Vale lembrar que, segundo Foucault (1999), ao longo dos séculos as instituições como a família e a medicina trabalham em função do poder e, por conta disso, ao restringir que os discursos válidos sobre a sexualidade sejam realizados apenas por estas instituições, é provável que o discurso reforce a norma. Para mais, dez dos alunos responderam que a temática de sexualidade precisa ser abordada a partir de diálogos, debates, palestras que ocorram na escola e que os sujeitos possam compartilhar

suas experiências, como pode ser visto nos exemplos abaixo:

De forma que o professor faça uma conversa, deixando os alunos falarem as coisas que eles pensam.

André

O professor ou o direto deveria conversar com pessoas que conhecem o assunto, ou seja, pessoas LGBTQIA+ e contar a suas histórias, como é o dia dia de uma pessoa LGBT.

Beatriz

Por meio de debates entre professores e alunos.

Ana

Em palestras, debates, conversas particulares.

Pedro

A este modo, os alunos, de maneira geral, defendem que temas relacionados à sexualidade precisam ser abordados na escola a partir de trocas de experiências entre os sujeitos que compõem este ambiente. Para Louro (2000), a sexualidade realmente precisa ser trabalhada a partir de maneiras que possibilitem a troca de experiências e convivência entre os sujeitos que compõem o ambiente escolar. Entretanto, é preciso atentar-se aos discursos e as maneiras que a sexualidade será abordada na escola.

Segundo Louro (2003), é preciso ficar atento aos discursos que são feitos sobre a sexualidade na escola e as nuances de ação dos mecanismos do poder neste ambiente que, por sua vez, está inserido num contexto social regulado a partir de um padrão heterossexual e que, por conta disso, utiliza materiais, propostas, currículos, discursos organizados e difundidos a partir da norma.

Sem dúvida, na quase totalidade dos livros, quando a dimensão do prazer está presente (como no exemplo acima), ela tem como pressuposto exclusivo o desejo heterossexual, ou seja, é negada a possibilidade de que os sujeitos possam ter como objeto amoroso e de desejo alguém de seu próprio sexo. Além desses materiais, muitas das propostas e projetos de ensino silenciam sobre a relação afetiva e sexual homossexual. Para a escola ela supostamente não existe (LOURO, 2003, p. 135).

Dessa maneira, ao trabalhar sexualidade é preciso garantir que isto seja feito de maneiras que não reforce a norma estabelecida socialmente. Segundo Louro (2003), para que isto possa acontecer, é preciso questionar tudo que é considerado natural e normal, colocando inclusive nós mesmos enquanto sujeitos em questionamento.

Trata-se de assumir que todos os sujeitos são constituídos socialmente, que a diferença (seja ela qual for) é uma construção feita — sempre — a partir de um dado lugar (que se toma como norma ou como centro). É preciso, pois, pôr a norma em questão, discutir o centro, duvidar do natural... Mas, não há como negar que a disposição de questionar nosso próprio comportamento e nossas próprias convicções é sempre muito mobilizadora: para que resulte em alguma transformação, tal disposição precisará ser acompanhada da decisão de buscar informações, de discutir e trocar ideias, de ouvir aqueles e aquelas que, histórica e socialmente, foram instituídos como “outros” (LOURO, 2003, p. 141, grifos do autor).

É necessário, então, assumir que a sexualidade e as identidades de modo geral são construídas a partir das interações sociais e vivências dos sujeitos em sociedade. Além disso, desconfiar do que é considerado natural, normal e, dessa maneira, por a norma em questão. Devemos questionar nosso próprio comportamento, ações e discursos para que as trocas de experiências na sociedade, no ambiente escolar e as construções das identidades possam acontecer de maneira múltipla, mutável e variável.

Butler (2018), aponta ainda que é necessário considerar os aspectos construídos do gênero e da sexualidade, bem como a multiplicidade cultural na qual o gênero e a sexualidade são construídos. Para a autora, é necessário compreender que estas identidades não são fixas, permanentes, naturais e intrínsecas ao corpo, mas sim construções sociais que variam de acordo com as variações dos aspectos culturais, sociais, históricos e temporais da sociedade.

Neste sentido, ao considerar estes aspectos, segundo Butler (2018), é possível subverter as leis culturais que tentam normatizar e naturalizar a heterossexualidade, já que considerar essa multiplicidade de gênero e sexualidade, pode implicar numa compreensão do corpo que permite experienciar múltiplas possibilidades culturais de gênero e sexualidade, alternando entre elas sem estarem demarcadas.

Segundo Louro (2003), é neste ponto que a escola pode agir, provocando ações, construindo currículos, utilizando materiais didáticos, incentivando práticas docentes e provocando mudanças no espaço escolar que permitam que os sujeitos inseridos neste ambiente possam experienciar uma sexualidade e um gênero que não estejam demarcados, mas que possibilitem questionar as normativas estabelecidas em sociedade e vivenciar as múltiplas possibilidades culturais destas identidades.

Neste momento, antes de continuar a análise, é importante retomar alguns aspectos já apresentados neste trabalho. Até aqui, os alunos já demonstraram, de modo geral, que mesmo que defendam que as temáticas relacionadas à sexualidade estão presentes na escola e que devem fazer parte dos debates nesse ambiente, seus discursos ainda estão alinhados com a reprodução de um discurso normativo, que não só reforça os padrões heterossexuais, mas também, se coloca a serviço da multiplicação do próprio poder, já que, segundo Foucault (1999), este discurso é produzido aonde o poder se exerce.

Entretanto, é possível que seja nos relatos destes mesmos discentes que possam ser encontrados caminhos que facilitem o processo de subversão destas normativas. Alguns dos alunos apontaram que as temáticas relacionadas à sexualidade devem ser abordadas na escola por meio de debates, conversas e através de interações entre os próprios estudantes e pessoas LGBT que já fazem parte daquela comunidade escolar ou não, como citado por Beatriz.

Nesse sentido, ao considerar os relatos destes alunos, bem como os apontamentos de Butler (2018), que diz que para subverter estes processos de fixação e normatização das identidades, precisa-se não somente se aproveitar das brechas existentes na lei cultural normativa, mas também promover que o gênero e a sexualidade sejam experienciados de maneira múltipla e variável, a escola pode ser, além de um local que promova as interações culturais, os debates e materiais que possibilitem estas vivências, uma instituição que incentive os próprios discentes a questionarem os padrões estabelecidos em sociedade.

Por meio desta perspectiva, é na escola que os estudantes tem a possibilidade de interagir com aspectos sociais, sujeitos e culturas que mesmo que não estejam inseridas neste ambiente, possam ser experienciadas, como apontou Beatriz, por intermédio da própria escola, ao buscar nas culturas e nas interações sociais, meios para que as vivências, neste local, possibilitem que os estudantes experienciem a multiplicidade, a variabilidade, a instabilidade e a maleabilidade cultural tanto do gênero, quanto da sexualidade.

5 | CONCLUSÃO

Se assim como Louro (2003), consideramos que as identidades, inclusive a identidade sexual, são frutos de um processo de construção social que acontece por meio das interações que vivenciamos e experienciamos em sociedade, pode-se afirmar que os discentes participantes dessa pesquisa, a partir de análise de suas respostas ao questionário, não compreendem de maneira geral o que é sexualidade. Além disso, os estudantes demonstram confundir identidade sexual com identidade de gênero e apesar de, segundo Louro (2003), estas identidades estarem intrinsecamente ligadas, elas não são a mesma coisa e não devem ser confundidas.

Para mais, por estarem inseridos numa sociedade que segundo Foucault (1999), está organizada a partir de discursos que impoem ao sexo uma norma heterossexual e tenta padronizar os sujeitos, seus modos e seus discursos a partir dessa norma, é possível afirmar que os discentes participantes da pesquisa possuem discursos que acabam reforçando e garantindo a perpetuação dessa heteronormatividade na escola e na sociedade.

Dessa maneira, apesar dos discentes de modo geral perceberem a expressão da pluralidade de identidades sexuais no ambiente escolar e defenderem a necessidade de debater sobre sexualidade na escola, seus discursos e modos ainda estão à serviço do

poder, ao passo que ao falarem sobre estas temáticas reforçam e reafirmam mesmo que inconscientemente a norma estabelecida na sociedade.

Por conta disso, é possível considerar que os discentes não compreendem o processo de construção da sexualidade e que seus discursos ainda estão, de certa forma, reforçando a heteronormatividade. Entretanto, em seus próprios relatos, os discentes apontam sobre a escola ter a possibilidade de promover um ambiente e uma educação que contemple a multiplicidade cultural em torno da sexualidade.

Por fim, ao considerar estes apontamentos e os de Butler (2018), sobre a possibilidade de subverter os processos de fixação das identidades ao experienciar o gênero e a sexualidade de maneira múltipla, variável e inacabada, é possível, que a escola, ao oportunizar experiências, interações e um ambiente que permita vivências sexuais e de gênero culturalmente múltiplas e mutáveis, viabilize não somente que os alunos questionem as normativas sociais quanto a estas questões, mas também que construam conhecimentos sobre gênero e sexualidade que contemplem o caráter construído das identidades, bem como sua variabilidade de acordo com a cultura, o tempo, a história, a sociedade e suas interações.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos Estudos Cebrap**. vo. 38 n. 1. p. 185-213. 2019. ISSN 1980-5403.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 16. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 13. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. Ed. Petrópolis: Editora Vozes. 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogia da Sexualidade, 07-34. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica. 2000. ISBN: 85-86583-33-2.

MOTT, Luiz. et al. Mortes Violentas de LGBT no Brasil: Relatório 2017. **Grupo Gay da Bahia**. Salvador: Wordpress. 2018. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2017.pdf>> Acesso em: 5 Abr. 2021.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. Et al. Escola e Política do Armário na Produção e Reprodução das Hierarquias Sexuais no Brasil, 23-46. In: RODRIGUES, Alexandro. BARRETO, Maria Aparecida Santos Corrêa. (Orgs.). **Currículos, Gêneros e Sexualidades: Experiências Misturadas e Compartilhadas**. Vitória: Edufes. 2013. ISBN: 978-85-7772-154-2.

GÊNEROS E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022



GÊNEROS E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

